

ECOS DE CACIA

REDACTOR (Em Lisboa)
Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Fermentelos, Eixo, Q. do Cato, Bonsuccesso, Esqueira, Mataadros, Avanca, Estarreja, Caneias e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: F. NASCIMENTO CORREIA

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brazil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

Filiado no SINDICATO NACIONAL DA IMPRENSA PORTUGUESA!!

Redactor e Editor

Antonio da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIAO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

Recordando

Uma Gloria da "Republica"

O 15.º ANIVERSARIO DA MORTE DO DR. MANUEL DE ARRIAGA.

Passou no dia 5, o 15.º aniversario da morte do sr. dr. Manuel de Arriaga. Porque não lembrar, com saudade e devido respeito, a memoria de um nosso querido morto, daqueles que sofrerem e padecerem, para verem implantado o regime, que arquitetavam em sonhos, mas que na manhã gloriosa de 5 de Outubro de 1910, foi um facto.

Recordar Manuel de Arriaga, é recordar um idolo! . . .

O dr. Manuel de Arriaga, cujo nome completo era Manuel Jose de Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue, natural da ilha do Faial (cidade da Horta), onde viu a luz do sol em 8 de Junho de 1839, filho de Sebastião de Arriaga Brum da Silveira e de D. Maria Cristina de Arriaga Caldeira, era o 25.º neto de um duque de França. Sua avó. era a 15.ª neta de el-rei D. Afonso III, e chamava-se, Maria da Piedade Cabral da Cunha Godolphim, e descendente duas vezes do rei Leão, Ramiro II, 2.ª neta de D. Fernando de Castela e 23.ª neta de Hugo Capeto, Duque de França, Conde de Paris e Orleans

Idolo chamei eu, neste humilde artigo de homenagem ao venerando ancião, que descendente de uma familia de nobres, foi sempre um dedicado e honrado republicano.

E se o não fosse . . . não seria a Assembleia Nacional Constituinte, que o teria eleito para chefe supremo da Nação, em sessão de 24 de Agosto de 1911, perante 217 deputados, apanhando 121 votos.

Manuel de Arriaga, antes da implantação da República, desde os bancos de escola, onde já na Faculdade de direito da Univercidade de Coimbra, se afirmára, um verdadeiro tribuno e democratico intransigente, demonstrou depois ser um advogado distinto, escritor vigoroso, politico de valor e poeta delicado, assim fei eleito deputado republicano ás côrtes de 1882 a 1884 e de 1890 a 1892.

Durante muitos anos, foi

professor da lingua inglesa no Liceu de Lisboa, também de diversas e numerosas comissões de serviço público fez parte, como quando, da reforma da instrução secundaria.

Leitor amigo! . . . Nos últimos anos da Republica, já cansado e doente era êle ainda, que prendia o povo, que via nele o cidadão exemplar, incapaz de qualquer traição.

Eleito Presidente da República, ele no curto periodo que dirigiu a Nação, em todos os actos a sua honronabilidade, honronabilidade só propria de republicanos sinceros, que só tem por bem:—Bem servir a sua querida Republica.

República que êle tanto amou, e pela qual morreu, fitando serenamente as côres da sua bandeira verde-rubra.

Morreu pobre, como a todos os idealistas succede! . . . Mas morreu honrado, e essa é a maior glória para a sua Pátria, que nada é sem o regime republicano. Morrendo, a sua perda foi nacional, mas a sua palavra ficou, ficaram as suas lições, a eloquência do seu verbo, a sementeira da sua ideia, a febre do seu entusiasmo.

Morto ilustre, com o seu passado limpo sem uma mancha, nós mocidade, não o podemos esquecer. E lembrando o dia da sua morte, é honrar um apostolo da Democracia e assim, nós os novos que aspiramos por um Mundo melhor, mais perfeito e mais humano, gritemos junto ao seu tumulo, em voz muito baixinho, como preito de homenagem:

Viva a Republica!
Lisboa, 8 de Fevereiro de 1932

Carlos Regueira Santos.

AOS NOSSOS ASSINANTES DO BRASIL E AFRICA

Pedimos a finêsa aos nossos assinantes de mandarem, satisfazer as suas assinaturas, pois o "Ecos de Cacia", apenas vive delas, finêsa essa que, desde já, muito agradecemos

Para Quem nos Compriende Modos de Ver

Ha quem se aproveite do bom acolhimento das colunas da imprensa local para fazer o *joguinho politico*, ou, melhor, para manifestar estrondosamente as seus maleficos intentos reacinaros.

Nós discordamos dêsse processo vil, porque, quando a imprensa delinha um programa liberal no campo da independencia, os homens que a servem tem de ser coerêntes com os seus actos e firmes nos seus propósitos.

Ora, o nosso modesto jornal tambem tem sido vítima de certos escribas que, julgando bem servi-lo, apenas levam a agua ao seu moinha, servindo ideias tão antipaticas ao nosso modo de ver, que nem prestam o mais pequenino beneficio á causa regionalista que defendemos, pugnando devotada e desinteressadamente pelos interesses populares da nossa linda região, nem sequer, senhores, olham com especial carinho os destinos sagrados da Patria, pelos quais os homens que compõem o corpo redactorial deste humilde semanário veem com afinco batalhando, guiados pelo amor e pela liberdade a fim de se atingir o futuro bom que a humanidade tão ardentemente anseia.

Sômos independentes em matéria politica, porque não temos coleira e nem pretendemos servir quaisquer clientelas politiquieras ou de seitas.

Porem, — digâmo-lo bem alto! — sômos gente desempoeirada, abertamente liberal, amâmos e defendemos o regimen republicano como boa fórmula governativa que libertou os portugueses de uma tutela mesquinha e humilhante, não estando na nossa conduta atacar quem trabalha pelas prosperidades nacionais, nem afrontar instituições seculares que se erguem perante o mundo culto pelos seus altos propósitos humanitarios e livres.

E assim, uma vez mais traçado o nosso programa, caminharemos neste campo tão limpo quão sincero, para bem servir o Povo e a noss Terra, deixando aqui o aviso ás toupeiras . . .

DR. ALBERTO SOUTO
Advogado AVEIRO

Factos e comentarios

Um dos grandes diarios da Capital noticiou ha tempos que tinha sido detido em Angeja o Sr. Dr. Manuel da Silva Santos Reis e conduzido para Albergaria-a-Velha, onde se encontrava preso por crime de perjurio, dando ainda outras prisões por cumplicidade no caso, estando as investigações entregues a autoridade do Porto.

Não tardou que esse diario, por intermedio do seu enviado especial, desenvolvesse nas suas colunas o caso com certo ruido, o que não me surpreendeu visto que as informações eram colhidas sob uma atmosfera bastante desfavoravel a esse medico desde ha muito e certamente por pessoa estranha ao meio, e assim se compreende e justifica que possa ter havido qualquer informação malevola tomada de bona fide.

É bem conhecido na baixa região do Vouga o odio que ha um bom par de anos a esta parte impera na maior parte dos habitantes de Angeja contra o Dr. Santos Reis, já porque não deixam de o revelar sempre que para isso tem ensejo nas suas conversas, já porque o tem evidenciado com feitos de tal natureza que não ha mesmo termos que os possam definir com precisão, como tenha sido a tentativa de violação da urna que encerra os restos mortais de seu unico filho e mais tarde o arranco de um medalhão de bronze de seu jazigo que emmoldurava a fotografia de seu filho, que desapareceu para nunca mais

sér visto, cenas de que foi palco o sagrado campo do cemiterio de Angeja.

Não tendo assim achado nada de extraordinario, aguardava com certo interesse o final das investigações e o caso julgado para ver então, em sumula, a veracidade dos factos. Porem, acaba de me chegar ás mãos O Jornal de Estarreja de 3 do corrente em que se me depára a noticia encimada "Por Angeja", publicada na ultima coluna da sua terceira página, que li mas não sem revolta. É digo que me revoltou, como terá revoltado todas as pessoas de bem que conheçam o ambiente angejense, não só pelo quanto tendenciosa é mas tambem malevola tal noticia, que só poderá ter caído bem em espiritos rancorosos.

Diz-se no final dessa noticia que "O Jornal" quer colher todas as melhores informações d'esses factos para os relatarem numerosseguintes". Só bom seria que o "Jornal" colhesse de facto todas essas informações com a imparcialidade e nobreza que deve assistir sempre ao jornalista, publicando-as nas suas colunas, como tanto é para desejar, e o seu altruismo seria completo se nos dêsse tambem identicas informações sobre expansões de velho odio a Dr. Santos Reis depois da sua prisão, onde talvez de verdade encontrará *factos estupendos* para relatar.

Lisboa, Março de 1932

Um filho de Angeja.

"Instruir"

Crise viti-vinicola

O sr. ministro da agricultura tem recebido ultimamente inumeros telegramas de felicitação pelas boas medidas tomadas com a publicação de decretos de defêsa dos vinhos comuns e do Porto.

Parabens.

MANUEL DE VILHENA
Advogado—Rocio—AVEIRO

colaborador, porque temos por norma dar «o seu a seu dono» . . .

Que nos desculpe o nosso

Littratura

O TAVAREDE

Nunca conhecera seus paes. Isto é, tinha uma vaga ideia de que, quando ainda muito pequeno um homem e uma mulher o amimavam, lhe davam beijos sem conta e o erguiam nos braços bolançando-o docemente. E um dia, levado por muitas mulheres maltrapilhas, com fatos berrantes, de cores amarelas, sentira-se embalado rudemente pelo andar d'um cavallo, sobre retalhos de fasendas

Crescera na vida nomada que de ha anos vinha vivendo. As que o haviam furtado ao carinho dos seus que o choravam, embora as auctoridades prevenidas tivessem procurado haver a creança, nunca ninguém mais a vira. Agora chamavam lhe o Tavarède, porque fôra na estrada da pequena povoação d'aquella nome que os ciganos o tinham apanhado e atirado sobre o esqueletico cavalicoque. O seu nome de batismo não o sabiam, nem a creança, tão pequena ainda, o tinha retido na sua mente

Mas um dia, passados tantos anos, no seu caminhar incessante como o Asheverus da lenda, a caravana trilhou o mesmo caminho. Era n'uma tarde de verão em que o sol dardejava forte sobre a estrada coberta de poeira negra que as patas dos cavalos levantavam, deixando torvelinhar rasteiro como rolos de pesado fumo. Na sua descida do Senhor da Arieira para Buarcos, o Tavarède, que caminhava ao lado de um jumento chagoso que ainda não pudera ser impinjido a qualquer incauto, sentio insuflar-lhe os pulmões um novo ar. Como n'uma visão viu os comoros cheios de amoras, as vinhas cheias de uvas e ao longe, sobranceiro a o mar, noalcantilado dos morros, os moinhos movendo as suas asas brancas, e e lá em cima, alvejando aos navegantes, a ermida de Nossa Senhora da Encarnação. Sofucou em si um grito de alegria. Viu-se pequenino brincando ali, n'aquella estrada, e fechando os olhos quiz ver o homem e a mulher que o beijavam, o levantavam ao ar baloiçando-o docemente.

—Aqui deve ser a minha terra; disse o Tavarède baixinho, não fossem ouvil-o os seus companheiros errantes. E caminhando sempre, evocando aquele tempo já tão distante continuava fechando os olhos concentrando-se n'aquella idade em que fôra apanhado e atirado para cima do cavallo que condusia tantos retalhos de fasenda.

Ao Martir Santo acamparam. Armaram-se as barracas. O Tavarède olhando o mar parecia esquecido de tudo. Uma mão pequenina pousando-lhe sobre o hombro veiu chamal o á realidade.

—Em que pensas, querido-nho?

—Gina, minha amiguinha, eu penso... penso em tanta cousa... Mas eu logo te direi em que penso. E continuou olhando o mar. Gina ficou-se triste, olhando-o muda, no respeito da sua contemplação.

À noite, enquanto na fogueira se lançavam uns gravetos para coser a vianda de repasto á caravana, Gina e Tavarède cingidos pela cintura com seus braços amigos, foram até á beira-mar sentar-se na areia ouvir o murmurar das ondas e admirar as suas forforescencias.

— Gina, minha amiguinha! Sabes em que penso? Em meus paes... e levando as mãos aos olhos sentio que duas lagrimas lh'os humedeciam.

— E choras, querido-nho? — Sim, Gina! choro e quero fugir. Quero ficar aqui para procura-los.

— Serão eles vivos?! Ha tanto que somos companheiros... nunca evocaste teus paes...

— É verdade! Mas hoje ao passar por aquella estrada cheia de pó, com silvas cheias de amoras e aquelas vinhas com seus cachos pretos, eu tive a visão de que foi ali que eu brincava quando teus paes me apanharam para me levarem consigo. Hoje, Gina... e calouse, apertando-a contra si.

E queres deixar-me, querido-nho? Queres deixar a tua Gina, a tua pequenina mulherzinha?!

— Gina! eu choro... deixa-me chorar!... Bem, eu estou bem, vamos embora. O mar viu-me nascer; o mar foi talvez a sepultura de meus paes. Gina, vamos embora. Tu serás sempre a minha mulhersinha, e eu não penso mais em ficar aqui; vamos embora.

E presos os dois pela cintura com seus braços amigos, voltaram ao acampamento do Martir Santo onde os esperava a ceia.

E a noite para Gina e Tavarède foi de sonhos dourados.

F. da Foz.

F. Nascimento Correia.

Antonio Soares da Silva

Fornecedor de madeiras MATADUÇOS

Tem sempre madeiras em deposito verdes e secas de varias cualidades.

Encarrega-se das carpitárias de todo o sistema com a maxima perfeição e orgencia.

Dirigir toda a correspondencia a Mataduços.

Este numero foi visado pela comissão de censura.

Morte de Briand

Morreu em França, Aristides Briand, ministro dos estrangeiros da grande Republica, e um apostolo fervoroso da paz universal.

A paz que muitos julgam utopia, encaminhada pela bondade e tenacidade de Briand, era a sua suprema ambição e ia-se a pouco e pouco volvendo em realidade.

Mas a morte inesperada de tão arguto diplomata, arrebatando-o para a paz do tumulto, veiu assim abalar os alicerces da concordia que ele tão corajosamente havia idealizado.

Toda a França treme de commoção por tal perda. E não só a França como todas as nações sentem o desaparecimento do que na Sociedade das Nações, tão correctamente se sabia impôr ao respeito de todos e encaminhar as discussões n'aquella grande assembleia.

Toda a imprensa franceza é unanime em reconhecer a força indomavel que guiava Briand na ideia que ate ao ultimo sopro de vida o acompanhou.

De todos os paizes são indereessadas condolencias ao governo francez pela perda do grade patriota. O seu funeral foi nacional e religioso e, realisou-se no dia 12.

A presidencia do nosso governo enviou ao chefe do gabinete francez o seguinte telegrama:

Em meu nome e do governo portuguez lamenteo a perda do grande estadista e prestigioso paladino da paz, orgulho da França e honra da Humanidade.

(a) Gen. Domingos de Oliveira.

Escola Primaria de Vilarinho

Pela primeira vez vesitamos este importante edeficio escolar, a onde fomos recebidos pelos Ex. mos Sr. os Capitão José Afonso Lucas, e Alberto de Azevedo, aquele como engenheiro das escolas de todo o distrito, e este como mestre de obras; Sua Ex.ª, percorre todas as dependencias da nova escola na nossa companhia assim como o mestre da mesma; que nos informam estarem concluidas no proximo sabado.

A nova escola é de facto, mais uma victoria para esta importante terra; todas as suas dependencias são, não só, amplas, como bem arejadas, atendendo ao grande resssinto a onde se fez a sua construção.

Retiramo-nos agradecendo a Sua Ex.ª toda a atenção como é de costume para com toda a gente, sendo-nos informado que a sua inauguração se deve realisar depois da Pascoa.

Quando é que Cacia e Quintá possuirá escolas n'estas condições?

Tenhamos fé que muito em breve poderemos dár aos nossos leitores essa boa nova.

RIBEIRO DE CARVALHO

Encontra-se doente em Madrid o nosso amigo sr. Ribeiro de Csrvalho, ilustre director do diario A Republica, de Lisboa.

Fazemos votos pelo restabelecimento do considerado jornalista e oxalá que breve regresse a Portugal.

Maçonaria?... só na epigrafe

Nos numeros 81 e 82 d'este jornal, vieram a lume dois artigos sob a mesma epigrafe, (Ao Jornal de Cacia) O gam dos protestantes e da maçonaria, artigos esses que, a meu vêr, e dada a forma como são eserietos, devem sêr d'um catolico ferrênho. No numero 81, são os protestantes atacados á valentona; pelo menos Lutero, Calvino e Zuinglio, põe-nos o articulista, pelas ruas da amargura, quanto ás suas manebias. Naturalmente o articulista ignora, ou finge ignorar que, manebia, as ha em todas as sociedades e religões?????

Vamos adiante. Mas a respeito de materia maçonica, ... só na epigrafe

No numero 82 então, pergunto a mim mesmo para que serviu tal epigrafe, e a resposta que a mim mesmo dou, é a seguinte: aquilo não serviu senão, para nos mostraz uma padaria de «forças», talvez da Juventude Catolica!!!

Mas... a respeito de «materia maçonica, ... só na epigrafe, e sempre só na epigrafe, e mais nada. E tem o articulista o desaffôro de classificar o referido jornal de órgão dos protestantes... e da maçonaria!!!

E desconheço que os jornais sejam eles quais fôrem ((exceptuando os jornais catolicos))—reproduzem nas suas columnas aquilo que, em qualquer credo, ou idéia, para lá lhe mandaram??

Ora valha-nos Deus sr. articulista; a si para nos mostrar argumentos convincentes sobre o que escreve; (sobre o protestantismo ainda nos disse alguma coisa; a respeito de materia maçonica, ... só na epigrafe; e a mim, para eu ter aquella paciencia precisa para o lêr... sem me zangar.

Os jornais, sr. articulista, (comvença-se disto) reproduzem o que para lá lhes mandam, e nada mais. Senão veja a que, em materia de maçonaria, o «Ecos» de 12 do corrente, numero 83, insere sob a epigrafe, «Falando Claro».

O sr. leu aquilo? Leu... mas talvez ignore o que aquilo é. Tudo é possível.

Mas eu digo-lhe. Aquilo, desde o seu principio até á quadragesima primeira linha da segunda columna do artigo, é, nem mais nem menos que, os preceitos maçonicos, ((palavra esta que, ou por lapso ou... por outro qualquer motivo, o seu auctor omitio. Diga-me agora uma coisa, sr. articulista: terá o «Ecos» culpa de o sr. Arnaldo Silva mandar para lá materia d'aquella que, o sr. com tanto ardor combate?

Só na epigrafe... já se vê, ... pois que no resto, falées-lhe a coragem. Aquilo não se combate sr. articulista, pois seria combater os melhores principios de moral. E fique-se com isto, por hoje, que já não é pouco.

AROS

O Paraiso

Em frente á Capitania AVEIRO

É sempre quem vende por mais baixo preço todos os artigos de Ferragem, tintas, cimentos, vidraça, mercearia e sementes

Se quereis as vossas vendas garantidas annunciái-as no "Ecos de Cacia,,

À MARGEM...

Revisões do passado

Ontem, — logrei sentir os efeitos benignos dum amôr puro e castro.

Hoje, — aperta-me a saudade dêsse passado para mim tam ditoso, mas que amanhã não passará d'uma sombra que tende a dissipar-se na obscuridade do futuro.

E de que tenho eu saudade? Ah! Saudade de tempos felizes, de momentos que, emboragraps, não os queria reviver. Porque revivê-los, pensá-los sequer, seria envolver-me num manto de tristêza pela recordação dêsse passado distante, cujo manto encobriria a minha alma dolorida.

Porque quando nos julgamos o homem mais feliz sobre a terra, quando se vive para ver um terno olhar, sêr alvo dum sorriso encantador, quando no auge de toda a felicidade terrestre não se toleram desditas, nem tam pouco incertêzas, vemo-nos repentinamente enleados n'um ambiente soturno, em virtude de factos que porventura precedem essa felicidade.

Depois, se esse Passado tem sido aureolado, a recordação de mais tarde é uma Saudade amarga. Se é um passado tempestuoso deixa de existir a saudade, para ficar apenas no livro do destino, um traço indelével de desprazêr.

Para que revivêr o passado, se bom ou mau não nos satisfaz no presente? Recordar é viver! E então momentaneamente se vive com o pensamento no passado, a nossa alma rejubila, um raio de sol ilumina-nos para, dentro em pouco, êsse sol sêr encoberto pala nuvem da realidade, não se vendo assim a continuidade dêsse ideal.

E quantas vezes, quando somos assaltados pela saudade, desse jariamós que se apagasse da nossa mente a recordação que a provoca. Mas quê? Se a saudade é dôr, é sentimento, ela nos abraça com frenesi, não nos deixa um só instante, e nos seus braços temos de reviver êsse passado ditoso, — hoje cruel.

Porto, Março de 1932.

Carlos Reis

Certeza!...

Ao A. P. Souza.

Como juraste querido Que te podesse esquecer? Os teus versos são tão meigos Que sempre os estou a lêr.

A' declaração de Amôr Chamas tu atrevimento Então que ha-des chamar A uma cabeça a pensar Vazia de pensamento.

Teus ideais são tão puros E leal o teu amor Que não te darei dum não Doute a alma o coração E tudo o mais-Sim-Senhori

Portanto a declaração Que veladamente fazes Vem faze-la ao natural Vejo que és imortal Da poisia az dos azes!...

Estarreja, 7-3-932

Tua N.

Uma Novidade!

Brevemente levantará de Cacia um avião que nos dijsem ir ao (Paraiso), buscar um carregamento de diverços artigos que ali tem.

NOTICIAS DA NOSSA TERRA

EM TORRES VEDRAS

UMA DESAFRONTA

Prezado amigo e sr. Anibal Cruz,—Tendo sido caluniado no vésigo jornal de Torres, em correspondencia de 10 de Dezembro ultimo, por um tal pelitrapo de espirito que dá pelo nome de Mario de Carvalho, venho apelar para a sua lialdade de amigo, pedindo-lhe para que nos jornais onde é redactor ou para onde colabora, faça publicar a seguinte carta que enviei aqúelle jornal

«VILA FACAIA (TORRES VEDRAS), 5.—

Ex.^{ma} Sr. Director do «Jornal de Torres»! —

No jornal que V. Ex.^a dignamente dirige vi que certo cavalleiro, que dá pelo nome de Mario de Carvalho, pretendeu apocanhar-me.

Diz-se, e é certo, que não ofende quem quer, e eu não me considero diminuido com os vomitos que o arrangista Carvalho tem despejado sobre o meu nome. Este, porém, fica sempre limpo, ao passo que o dèle anda envolto no misterio da sua vida, pois veio para aqui há poucos mezes e logo se fez religioso para atingir os seus fins de agradar ao povo ingénuo e dèle receber constantes presentes. Até organisou uma procissão de noite, chamada das velas, de acôrdo com o seu amigo Nicolau Torres

Essa bela parelha tambem conseguiu que haja missa ao domingo, vindo o padre ganhar 40\$00, e servindo, uma vez um, outra vez outro, de sacristão.

Chegaram ambos, já, a ponto de me esperarem ao portão de uma quinta para me morderem. Mas não conseguiram.

As minhas pernas não são para dente de cão...

Pois o cavalleiro Mario de Carvalho, que ensina de noite as primeiras letras a uns rapazes a troco de alguns escudos, passa os dias em caçadas, jantadas e a receber presentes de camaradagem com o sócio Nicolau.

Agora que aponteio ao conhecimento publico as virtudes dos dois honestos cristãos, aponto tambem á gente da minha terra os meus defeitos, que podem ser compravados por pessoas de categoria, entre ellas o Ex.^{mo} Sr. Administrador do Conselho.

Estando na minha terra há

quatro anos, depois de longa ausencia, comecei a tratar do seu desenvolvimento, conseguindo em pouco espaço de tempo o traçado de uma estrada a macadame do Ramalhal ao coração da freguezia; consegui uma verba da Camara para a reparação da fonte de Val Joaninhos; montei uma escola com o auxilio de varios amigos da terra; arrendei casa para a escola, sendo custeada a renda, temporariamente, pelos pais dos alunos, que acabaram por não dar nada para esse fim, tendo eu que pagar a dita renda várias vezes.

Tenho livrado da cadeia criaturas honestas, de multas injustas e algumas até do degraço. Só numa festa que fizemos, para a inauguração da escola, poupei 500\$00.

Gastei muito dinheiro para a escola ser um facto em Vila FACAIA.

E, afinal, quasi sou mal visto pelos Carvalhos e quejandos, porque muita vez disse que só fizessem subscrições em beneficio de desgraçados com falta de recursos, doentes, em casas sem conforto, sem dinheiro para chamar um medico e comprar remedios!

E há, depois disto, o direito de me sairem ao caminho para pretenderem agredir-me vilmente de colaboração com individuos de maus sentimentos?

E porquê? Porque me sacrifico e põho o meu esforço ao serviço do bem de muitos contra a exploração de quatro! Porque estimo, desejo e trabalho pelo bem do povo e das crianças da minha terra, contra os interesses inconfessaveis de videirinhos que se acobertam com a capa jesuitica e só fingem importar-se com a igreja para iludir o povo!

Sou honrado, pois! Não troco o meu character pelo de aventureiros reacionarios, que á custa do povo tratam do seu bem particular.

Pela minha terra contra os aventureiros que a exploram e pelo bem do povo desta mesma terra—é a minha divisa.

E tenho dito a verdade, sem temer contradicções.

(a) Antonio da Silva

NOTA DA REDACÇÃO—Por nos ser pedida esta defeza, com

A criação da caixa de auxilios aos desempregados

No dia 9 deste corrente mez foi publicado no *Diario do Governo* o decreto que criou a caixa de auxilios dos desempregados, que entrou immediatamente em vigor, mas já desde o dia 1 de Março que estava em vigor o artigo 3.^o e seu paragrafo unico, que determina o seguinte:

«Artigo 3.^o— todos os que empreguem normalmente tres ou mais empregados e operarios em industria ou commercio concorrerão, em cada mez, para a Caixa de auxilios aos Desempregados, com a importancia de 1.^o dos salarios ou vencimentos pagos, e correspondentemente cada um aos empregados ou operarios com 2.^o do que no mesmo mez receber como remuneração do seu trabalho.

Paragrafo unico—No ano economico de 1932-1933, a propriedade e a agricultura concorrerão para a referida caixa de auxilio com 2.^o da contribuição predial.

Por este decreto é tambem creada uma delegação da caixa em cada districto, e sob a presidencia do governador civil uma comissão central e outras delegações em cada conselho, subordinadas á primeira, e em que terão representação os patrões, os empregados e os operarios com o fim de angariarem donativos destinados á caixa de auxilio aos desempregados.

Muito bem. Tudo isto é para louvar, pois os intuitos que é creada esta caixa, são

gesto a publicamos visto tratar-se de uma campanha contra um honrado cidadão que á sua terra natal tem prestado os mais importantes beneficios, constatados até pelas autoridades de Torres Vedras, mas que os seus inimigos não conseguem atingir.

O nosso amigo sr. Antonio da Silva é considerado e estimado pelo povo honrado e laborioso da sua terra, e por isso os cães ladrão á lua...

de humanismo e revelam os sentimentos dos que teem o seu cargo a defender dos oprimidos e dos famintos.

Mas, a sombra destas disposições quantos serão os que, inabéis para o trabalho, indolentes e preguiçosos, procurem utilizar-se desse auxilio que é destinado aos que involuntariamente se veem privados de emprego ou trabalho?

As comissões que forem nomeadas haverão de ter a maior cautela com a infiltração dos impenitentes mandriões que hão de procurar agarrar uma teta por onde suguem o suor dos operarios trabalhadores que, com o desconto dos 2.^o vão ver reduzidos os seus parcos ordenados.

Em Vila FACAIA, uma fabrica que está dando cinco dias de trabalho aos seus operarios, *respeitadora das leis*, começou imediatamente a faser o desconto d'aquella presentagem aos seus operarios, logo que o decreto veiu a luz da publicidade nos grandes quotidianos.

E no entanto, sem respeito pelo horario do trabalho, lá tem nas suas oficinas quem trabalhe 10, 12 e mais horas, auferindo bons ordenados, em prejuizo de outros operarios, trabalhadores e chefes de familia.

Não é justo isso, e as comissões de vigilancia do horario do trabalho e o sr. governador civil devem intervir, no sentido de ser respeitado esse horario do trabalho em vigor.

Estudantes

Os estudantes da Faculdade de Medecina de Lisboa realizaram no ultimo dia 11 uma manifestação ao tumulo do saudoso professor Dr. Miguel Bombarda...

Tambem no dia 9, na Igreja dos Martires, da Capital, sob a presidencia do sr. Cardial Patriarca, se effectuou a tradicional benção das pastas dos quintanistas católicos das Faculdades de Direito e de Medicina,

Estes actos decorreram na melhor ordem.

Para quem nos compreende

Ser Justo e Bom...

Entre todas as virtudes que devemos cultivar—aqueles cuja aspiração mais alta consiste num desejo inextinguivel de aperfeiçoamento colectivo—a mais bela, a mais harmoniosa, a mais excelsa, e, sem dúvida alguma, a virtude da justiça.

É a bondade semelhante aquellas fiôres agrestes, que medram e se desenvolvem, na pureza immaculada dos seus variegados matizes, ainda quando todos os cuidados lhes minguem. Bastalhes a elas a orvalho que cai do céu e as caricias ardentes do sol para se desatarem em coloridos alacres e em perfumes subteis. Tambem a bondade nasce nos corações e viceja e frutifica quasi despercebida, naturalmente, expontaneamente, como um fio de agua cristalina escorrendo pérolas sobre as rendilhadas escarpas de uma rocha.

A justiça—não. Onde a bondade é toda um brinco, uma graça, uma tepidez de ninho amoroso e plumescente, é a Justiça um rio caudaloso, uma montanha alterosa, um ceu profundo e infinito.

Se a bondade purifica, a Justiça ilumina. A bondade acalcutas—é uma canção abençoando um berço. A Justiça rebôa:—é um sino enchendo a ampelidão.

Na bondade pode muitas vezes palpitar a misteriosa esfinge do egoismo. Praticamo-la, sem nos darmos ao trabalho de buscar cuidadosamente os escaninhos da nossa alma, porque da sua prática nos resulta um interno e incomperavel prazer, porque não seriamos felizes se não fossemos bons. A nossa consciencia adormecida repousa sempre que um acto de bondade apaga nela as manchas que o mal engendrou. É o premio por nossos sacrificios, a recompensa do nosso labôr.

E quando soubemos castigas os nossos dsmandos, estaremos entre os umbraisado templo da Justiça, onde não penetramos para sermos felizes, mas para fazermos a felicidade comun.

Posto Radio Cacia

Do Estrangeiro

Da Gafanha (Aveiro). Segundo informações d'aquella vila quando há qualquer enterro, aquilo é que é vêr um acompanhamento ao cadaver!... É um luxo! Coisa chicl!...

Parece a prossição das cinsas em Aveiro que é um louvar a Deus!...

Aquilo é tanta gente que até parece impossivel a Gafanha ter tanta população.

É muito lindo sim senhor. O pior de tudo isso é a famia, lia do morto que lem que pôr as ordens de toda aquella gente perto de um carro de vinho e uma padaria toda a noite a coser pão de trigo e mais golusices senão... não aparece ninguim.

Se lhes cheira a vinho e petiscos então o cadaver leva um lindo enterro; se não há nada... não há ninguem Bonitos costumes!...

Bem diz lá a cartilha na oração do (Padre Nosso)—Venha a nós o nosso, reino.

Assinai e propagai o

«Ecos de Cacia»,

Folhetim Relampago do (Ecos de Cacia)

CÊNAS DALAMA DA VIDA

VIII

A Sofia do Adro

Nascida no formoso jardim das amendoeiras, onde a Natureza maravilha de côr bizarra os vastos campos, alindado-os com um florir de encantamento, e onde o Astro Reis, a pino, é ardente, queimante, quando numa sofreguidão de oiro beija o casario rústico e empresta a tudo a solenidade da luz—esta terra é verdadeiramente pitoresca.

A Sofia do Adro era, pois, uma mijmosa flôr daquele jardim. A sua formosura era tida e falada naquelas redondezas. Mais: era o sonho da mocidade do amor, que ela cativava com um

olhar fascinante, que endoidecia ao entre abrir dos labios amorangados, ao desprender um sorriso de simplicidade, mas um sorriso que prendia...

As suas palavras tinham um som misterioso, uma musica de ternura que apaixonava os corações que as escutavam...

Quantas vezes a Sofia do Adro se sentia aborrecida com o chover de cartas dos rapazes a declararem-lhe namoro, mas ás quais ela não respondia visto a sua mãe, uma bondosa senhora, a aconselhava a não ligar importancia porque «cartas eram papeis»...

Estavamos na quaresma.

O sr. padre Barata, ainda as estrelas não se tinham sumido do pano negro do firmamento, já ele estava na sacristia matiz-mai-lo o Manél Sacristão—á espera das primeiras ovelhas que ião cair crentes no confissionario.

E depois o bom pastor era um santo na bôca do povinho, mas um *santo* que sabia fazer o seu milagre...

Menina bonita que se ajoelhasse aos seus pés, era já sabido que sua reverendissima lhe arrancava com palavrinhas mansas as mais estravagantes confisões de amor...

Pois a Sofia do Adro tambem lá foi. E o sr. padre Barata ficou tão radiante que a adorou tanto, tanto que a pobre rapariga acreditou nas suas palavras e... perdeu a cabeça.

E passados menses passava pelas ruas da Aldeia encolando envergonhada uma bochechuda

criança, que toda a gente dizia ser «o retrato do pai pintado».

Picluriné

NO PROXIMO NUMERO

O Quim Domingues

DISSE BULWER LITTON:

Descobre coisas que destruam a vida, e serás um grande homem! Acha, porém, um meio de prolongar a vida, e chamar-te-ão impôstor! Inventá alguma máquina que torne mais ricos os ricos e que aumente a pobreza dos pobres, e a sociedade te levantará um momento! Descobre algum misterio na arte, que faça desaparecer as desigualdades fisicas, e morrerás a pedrejado!

Manuel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—

Miudezas e louças de todas as qualidades — Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja

FARMACIA LUSITANA

DE ABÍLIO DE CARVALHO

ESPECIALIDADES
nacionais
e
ESTRANGEIRAS

PRODUCTOS
químicos
e
FARMACEUTICOS

R. Conselheiro Nunes da Silva

CACIA

Encadernações

Perfeição Rapidez Segurança

Preços modicos

ENCADERNAÇÕES EM OLEADO, GABARDINE, PERCALINE, CARNEIRA E CHAGRAN. LIVROS COMERCIAIS, DECIONARIOS, LIVROS DE APONTAMENTOS, ALBUS, PÁSTAS E TODO O SERVIÇO DE ENCADERNAÇÕES

Peça amostras e pedidos, a Artur Fernandes.

Agente de Publicações-Quintã de Loureiro-CACIA

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A «Ginginha de Lisboa» tambem aqui se vende sendo

por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a GRIPE

Joaquim Simões Birrento

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

Corôas e urnas funerárias

Ninguem compre sem ver os baixos preços do

maior e mais antigo depósito de

URNAS do districto.

Só vende BARATO

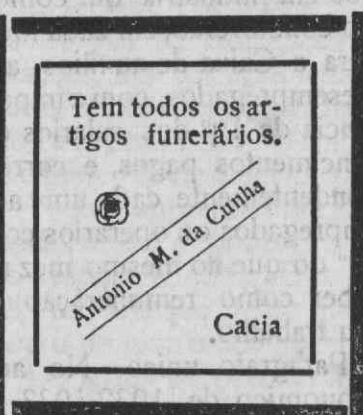
a Casa Leitão

de Estarreja

de fazendas, chales, cazemiras, sedas, mo-

das, artigos de bordar, figurinos, sombrinhas, calçado, gramafones e discos, etc.

Compre-se natas de Leite pelo preço mais alto do mercado



VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento absolutamente inofensivo, que em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário:
Farmácia Lusitana

CACIA

Mariana Pinto de Souza

Praça da Republica--Estarreja

de vinhos finos.

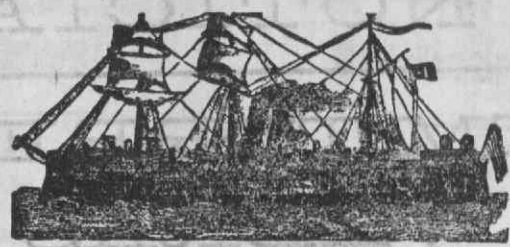
Mercadoria, fazendas e completo sortido

Na TIPOGRAFIA CACIENSE executam-se todos os trabalhos concernentes à Arte Gráfica.

Todo o nosso conterrâneo residente em Lisboa que desejar a publicação de alguma coisa no nosso jornal queira dirigir-se ao Bêco dos Clérigos, n.º 1.

AGENCIA COSTA

Passagens



Passaportes

Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

Responde-se a toda a correspondencia.

Prontidão, Seriedade e Economia

UAGO

AZULEJOS

Azulejos artisticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fieis de: monumentos, assuntos históricos, paisagens, fotografias, etc.

FABRICA

— DA —

FONTE NOVA

— DE —

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO

PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922

(Casa Fundada em 1882)

Fábrica Portuguesa de Tintas de Impressão, Lda.

Escritório e Fábrica: Rua da Pasteleira, 240 (Lordelo do Ouro) — Pôrto

TINTAS TYPO - LITOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

Esmalte «Apollo»

O melhor que se fabrica no País

ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traineiras e Navios

ALVAIADES, SECANTES LIQUIDOS E VERNIZES

O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.